

JORNAL DO BRASIL

29 JUL 1987

Bresser prevê dificuldades na negociação com bancos credores

BRASÍLIA— A proposta brasileira de negociar sua dívida externa primeiro com os bancos privados para só depois fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) não agrada ao sistema financeiro internacional que deverá colocar obstáculos à posição que vem sendo defendida pelo ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira.

Isto foi o que admitiu ontem o próprio Bresser, ao chegar a Brasília; depois de uma viagem de uma semana aos Estados Unidos, onde manteve contato com os credores brasileiros. “Tenho certeza de que vai haver alguma dificuldade nesta área. Para o FMI e o sistema financeiro internacional é interessante manter a regra atual porque assim o Brasil fica subordinado ao Fundo”, disse.

Em setembro — Mas o ministro está otimista de que até nos moldes em que o país está pretendendo. Bresser disse que, pela proposta brasileira, “o poder do Fundo reduz-se bastante”, uma vez que o acordo com os bancos será feito sem que o país tenha que seguir estritamente o figurino da instituição.

— Depois, quando fizermos o acordo com o Fundo e não for cumprida alguma meta eles podem retaliar muito porque não poderão suspender o desendolço dos bancos — acredita.

Pelo cronograma traçado pelo ministro, depois da negociação com os bancos

viria o acordo com o FMI, o que ele julga importante. Em primeiro lugar, porque o governo tem interesse em que a economia do país seja regularizada e, depois, o Brasil quer abocanhar uma parcela substancial dos 30 bilhões de dólares que o governo japonês está disposto a emprestar para financiar projetos em países em desenvolvimento.

Bresser, porém, deixa claro que o Brasil só fará um acordo com o FMI se “os planos, os objetivos, forem aqueles que nós entendermos que são os interesses do povo brasileiro e não, eventualmente, aqueles que acharem melhores”.

Ao fazer um balanço de sua viagem, o ministro considerou-a “bem-sucedida” porque partiu para os Estados Unidos não com o objetivo de negociar a dívida externa mas mostrar às autoridades americanas e aos bancos credores os planos do governo para ordenar novamente a economia, principalmente através do Plano de Controle Macroeconômico.

Segundo Bresser, seus interlocutores nos EUA fizeram “grandes elogios” ao Plano Macroeconômico e ao desempenho da economia brasileira nos últimos três meses. Para o ministro, tais resultados podem ser considerados “muito bons”, porque ao lado do esforço do governo de conter o déficit público, a economia está em expansão, os sinais de recessão estão arrefecendo e a inflação está sob contro-

le. Em agosto, previu, a inflação vai ficar “em nível bastante baixo”.

— Por enquanto, estamos numa *lua-de-mel* do congelamento e do Plano Macroeconômico. Espero ficar um pouco mais de tempo nesta *lua-de-mel* — comentou, bem-humorado.

Bresser reiterou que o Brasil só suspenderá a moratória decretada em 20 de fevereiro depois que obtiver dos credores o refinanciamento dos juros da dívida que vencem em 1987 e 1988, num total de 7,3 bilhões de dólares, “inclusive com *spread* (taxa de risco) zero”.

— Nós sairemos da moratória no momento em que tivermos uma solução que realmente garanta o desenvolvimento econômico do Brasil. Nunca de outra forma — garantiu.

☐ O deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e da Constituinte, vai conversar hoje com o ministro da Fazenda, Bresser Pereira. O assunto principal será a hipótese de o Brasil acertar um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ontem, Ulysses procurou evitar comentários sobre as declarações de Bresser admitindo acordo com o Fundo. Deixou claro que essa possibilidade não agrada ao PMDB. “Os acordos anteriores foram sumamente prejudiciais ao país” — disse.